

Chapecó: a idealização de um sonho de modernidade

Scheila Maria Bolzan

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
scheilambolzan@gmail.com

Resumo

O desejo de uma cidade moderna, planejada e idealizada foi algo que veio sendo construído por anos pelas famílias que colonizaram Chapecó. Os espaços que antes tinham aspectos rurais foram ganhando características da urbanidade e modernidade. Uma das principais responsáveis por reestruturar e planejar a cidade foi a família Bertaso, nas figuras do Coronel Ernesto Bertaso e seu filho engenheiro Serafim Enos Bertaso, ambos eram proprietários da empresa colonizadora da região. Para entendermos a reestruturação que ocorreu na urbes faremos um resgate dos discursos e preocupações que ganharam destaque durante os anos de 1931 a 1950.

Palavras-chave: Urbano. Modernidade. Chapecó. Colonização.

Introdução

Chapecó está localizada em uma região de fronteira que por muitos anos foi disputada, seu processo de ocupação teve início em 1839 com objetivo de abrir caminhos que ligasse São Paulo ao Rio Grande do Sul. Porém essa ocupação só ganhou força nas primeiras décadas de 1900 com a chegada da companhia colonizadora Bertaso, Maia e Cia, que recebeu terras devolutas do Estado de Santa Catarina, na região da Fazenda Rodeio Bonito, com o objetivo de iniciar a colonização e ocupação do local. Nos primeiros anos da década do século XX várias famílias já haviam se instalado no novo povoado, vendo que a colonização estava ganhando corpo foi fundada a sede da companhia colonizadora, responsável por trazer mais de oito mil famílias para o município.

A mesma família que ganhou do governo do Estado a incumbência de “desbravar” e “ocupar” a região foi construindo um desejo de transformar Chapecó em uma cidade idealizada e moderna. Com o objetivo de trazer o progresso à pequena vila Passo dos Índios, nome que era chamado Chapecó no início da colonização, os agentes idealizadores da modernidade se utilizaram das páginas dos jornais para fazer com que seus discursos chegassem a uma parcela da população. Principalmente pensando em mudar práticas e costumes que já não eram mais aceitos para aquele novo modelo de cidade que se buscava.

Sendo assim este trabalho que é resultado de uma pesquisa realizada em 2017, busca apresentar como foi se consolidando as práticas discursivas das famílias colonizadoras que desejavam o progresso de Chapecó, em especial a família Bertaso.

Para iniciarmos o trabalho faremos um resgate do desejo de cidade moderna entre 1930 e 1940, apresentando as figuras que se destacaram na construção dos discursos da urbes e principalmente que foram relevantes para a idealização da modernidade. Em um segundo momento do trabalho será feito uma análise de rupturas e permanência dos discursos durante a década de 1950 analisando publicações que foram feitas nos jornais “A Voz de Chapecó” e “O Imparcial” que dão destaque para mudança de hábitos e a construção de um novo urbano.

Os colonizadores e o desejo de modernidade

Chapecó é uma cidade do Oeste Catarinense, que da mesma forma que toda a região Oeste do Estado, deu início ao processo de colonização acentuado nos primeiros anos do século XX, após o fim da Guerra do Contestado. Sua história política ganhou maior relevância em 1890 com a delimitação das fronteiras entre Brasil e Argentina, no que seria hoje o Oeste Catarinense, com a criação da Colônia Militar de Xanxerê, pertencente aos Campos de Palmas. Foi assim que ocorreram as primeiras ocupações de imigrantes no “Velho Chapecó”. Apenas nas primeiras décadas do século XX devido às definições de limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, com o fim da Guerra do Contestado em 1916, é que de fato iniciou as intensificações do processo de colonização da região. Neste contexto, no ano de 1918 a Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia recebeu concessão das terras pelo governo do Estado, para iniciar a ocupação e colonização da região. Isso por conta da necessidade que o governo sentia de fazer investimentos na região, que até então era constituída por mata e ocupada prioritariamente por caboclos e indígenas. Chapecó recebeu sua emancipação político-administrativa no ano de 1917 e com a chegada das companhias colonizadoras intensificou o processo de ocupação de imigrantes, na sua maioria vindos do Rio Grande do Sul. A Família Bertaso, na figura do Coronel Ernesto Bertaso, se consolidou e ganhou visibilidade social e política.

O poder chapecoense, desde a criação do município, em 1917, até por volta da metade da década de 1950, caracterizou-se por um forte mandonismo local, que se identifica com aspectos do coronelismo brasileiro. O poder

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

político do município, durante esse período, esteve na maior parte do tempo nas mãos dos coronéis ou de pessoas ligadas a eles. A sua dominação tinha por base a supremacia econômica e os laços de dependência. A estrutura de dominação e as formas de controle social faziam parte de uma cultura social e política resultante das relações de poder da época, em que o público e o privado eram complementares. (HASS, 2013,p.33)

Hass afirma que Chapecó esteve por muitos anos dominada pelo que ela chama de coronelismo local, representado aqui pela figura do Coronel Bertaso, que junto com seus aliados políticos e família detinha o poder econômico e político da cidade. Que diferente do coronelismo nordestino, no oeste catarinense o coronel Bertaso era o colonizador que comercializava suas terras e desenvolvia uma relação de paternalismo e apadrinhamento com os migrantes que eram trazidos por ele para ocupar a região.

Vicenzi (2008), acredita que a ideia de processo se fez presente desde a chegada da companhia colonizadora em Chapecó, era necessário passar a sensação de que o local estava em constante progresso e evolução para que o governo do Estado pudesse perceber que o Coronel Bertaso estava fazendo o bom aproveitamento da terra e a colonizando adequada, e também para que cada vez mais colonos se interessassem em migrar para aquela região. “A ideia de pioneirismo, de progresso, do pior para o melhor era passada às autoridades estatais pela colonizadora, que também difundia tais ideias entre os colonos. Tanto o Estado como os colonos utilizavam-na como desbravadora. [...]” (Vicenzi, 2008, p. 75). Com o passar dos anos esta ideia de progresso começou a ganhar as páginas dos jornais, a partir das práticas discursivas ganhou voz e se intensificou como agente influenciador da sociedade.

Foi no final dos anos 1930, de acordo com Petrolí (2008), que a cidade de Chapecó se constituiu como problema, começando a surgir preocupações com o espaço urbano e cidadão. O primeiro desenho de cidade moderna data de 1931. Buscaremos aqui entender como se consolidaram os discursos que pretendiam construir o espaço urbano de Chapecó. Percebendo como eles foram desenvolvidos nos anos seguintes, de modo especial àqueles que afloraram a partir de 1950. Segundo Petrolí (2008), o discurso do colonizador (representado aqui pela família Bertaso) era o de transformação, almejando o desejo de cidade moderna, e foi ganhando força no início da década de 1930, vindo a ser intensificado durante as próximas décadas. Podemos perceber que em 1950 a preocupação continuou sendo com a modernidade, porém surgem novos agentes, e anseios, mas não deixando de lado a industrialização e o crescimento do município.

Os discursos das décadas de 1930 e 1940 tinham algumas figuras de prestígio como propagadores de tais, eram os editores e redatores do jornal, e representavam um grupo privilegiado por influência social e política. Constituíam este grupo Antônio Selistre de Campos, que chegou na cidade em 1931 e exercia a função de Juiz de Direito da Comarca de Chapecó. Selistre de Campos tinha uma relação estreita com a família Bertaso – responsável pela colonização da cidade – e também era amigo de Vicente da Cunha. Este último foi advogado da mesma família e diretor do periódico *A Voz de Chapecó* – primeiro jornal escrito do município, criado a partir de uma necessidade percebida pelo grupo, e que teve papel importante na proliferação da prática discursiva –. Vicente da Cunha e Selistre de Campos se tornaram figuras de destaque para a consolidação da abordagem de urbanismo, juntamente com o Coronel Ernesto Bertaso e seu filho, engenheiro civil Serafim Ennos Bertaso. Mesmo em 1950 com o surgimento de novas figuras influentes, que assumiram o poder político de Chapecó após as eleições de 1950, foi possível ainda assim perceber ações vindas da família Bertaso, que buscavam a tão sonhada criação de uma cidade desenvolvida. Tanto que fazendo a leitura do livro de Maria Adelaide Hirsch (2005) **Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó**¹, neta do Coronel, percebemos quando ela retrata o início da década de 1950, destaca iniciativas de Ernesto, sua influência para criar indústrias neste período, a busca pela melhoria de estradas, e a tentativa de criar um aeroporto maior em Chapecó. Estas iniciativas se deram ao mesmo tempo em que novos grupos intelectuais e políticos emergiram, e tinham a intenção através de seus discursos de descentralizar o “prestígio” e o “poder” dos Bertaso e de seus aliados.

Os sujeitos que detinham influência econômica e política nas décadas anteriores a 1950 se preocupavam muito em construir uma cidade projetada para o futuro, ideal e moderna, de acordo com os princípios considerados civilizados. Faz-se presente nos discursos da década de 1930 a questão do trabalho, vindo principalmente do colonizador, o qual acredita que o progresso só seria alcançado a partir dele. Outro debate que ganhou fôlego nesta época, segundo Petrolí (2008), seria uma orientação intelectual, ou seja, educar a população através do que se publicava no jornal, como as questões básicas de civilização, para transformar Chapecó em uma cidade moderna. O discurso civilizador ganhou importância nas duas

¹ O livro é uma narrativa da vida do Coronel Ernesto Francisco Bertaso, contada de uma forma romantizada por sua neta, Maria Adelaide. No decorrer do livro a autora busca enaltecer os feitos da família, de modo especial de seu avô, o coronel.

décadas que antecederam a metade do século XX, porém foram tomando rumos diferentes na década de 1950, mas não sendo totalmente deixados de lado. Pois se buscava a industrialização, almejando o “progresso” e a “modernidade”.

Discursos de uma cidade moderna

É pensando na busca pela modernidade que Petrolí (2008) justifica a criação do primeiro jornal na cidade de Chapecó. Desta forma facilitaria que os discursos chegassem até a população, contribuindo com o trabalho de uma reeducação nos hábitos dos cidadãos. Com o intuito de dar orientações a respeito de questões básicas como higiene, saúde e embelezamento da cidade, entre outras, através de publicações de leis e artigos. Como podemos verificar no edital transcrito na íntegra:

EDITAL N. 1/50
POSTO DE SAÚDE
“Secção de polícia Sanitária”

Para conhecimento de quem interessar possa, faço público os seguintes dispositivos regulamentares de Departamento de Saúde.

Art. 104 – Nenhum prédio, ou parte de prédio, poderá ser ocupado, sem prévia autorização da Diretoria de Higiene de acordo com as disposições deste Regulamento.

§ 1º - Para o disposto neste artigo é o responsável pelo prédio, proprietário, arrendatário, locatário ou seus procuradores, obrigado a comunicar, por escrito, a vacância do mesmo e entregar as chaves à Diretoria.

§ 2º - As infrações deste artigo serão punidas com multa.

§ 3º - Se houver ocorrido na casa, cômodo ou estabelecimento que vagar, algum caso de moléstia infectocontagiosa, a autoridade sanitária fixará imediatamente o interdito e providenciará para que sejam feitas as desinfecções de acordo com a natureza da moléstia que tiver motivado a medida, e, sem que esta tenha sido praticada não poderá a casa, cômodo ou estabelecimento ser novamente habitado, incorrendo o infrator em multa.

DR. Darci de Camargo - Nicolau G. Vieira

Chefe do Posto de Saúde – Guarda Sanitário Chefe. CAMARGO (1950, p.1)²

A função do jornal era de informar a população de leis, alertar para alguns cuidados que deveriam ser tomados, e principalmente conscientizar a população sobre novos hábitos que deveriam ser tomados. No caso acima mencionado pelo Edital 1/50, está se referindo aos

2 (Todas as transcrições das notícias dos jornais da época, que serão utilizados no trabalho, serão feitas de acordo com a ortografia atual).

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

cuidados com os prédios da cidade, que na época ainda eram poucos, todo espaço que vagasse deveria ser comunicado aos órgãos públicos para que fosse feita a devida fiscalização e a garantia de que não haveria nenhuma doença no espaço, isso por se tratar de um local de convívio coletivo, e por virtude disso deveriam ser tomados alguns cuidados.

Os idealizadores do meio de comunicação, jornal *A Voz de Chapecó* diziam que ele não privilegia interesses particulares, sendo apenas para o bem comum de todos. Mas na verdade, segundo Petrolí (2008), ele teve o objetivo de concretizar os interesses em termos de “dominação” da população local/regional. Vitória compartilha de mesmo pensamento e diz que:

[...] Todavia, sempre se encontra, no jogo de interesses, grupos que motivam o desenvolvimento de práticas que lhes parecem convenientes, ou mesmo imprescindíveis, em um determinado momento. **E através de um discurso proferido em nome de uma coletividade que, na maioria das vezes se resume a pequenos segmentos, constroem-se “novas cidades” e “novos homens” urbanos.** A cidade ao se transformar em uma espécie de entidade autônoma, vista muitas vezes como um ser independente, conferiu-se em local privilegiado para ações remodeladoras das práticas coletivas. VITÓRIA (2011, p. 107-108) (grifo nosso).

Vitória também acredita que os discursos que foram proferidos em Chapecó tinham interesses dos grupos que os divulgavam, e buscava construir o que estava sendo idealizado por eles. Como podemos perceber no trecho a seguir, retirado da edição de 7 de maio de 1950 do jornal *A Voz de Chapecó*, onde são citados os nomes de pessoas que contribuíram para a construção do Hospital Santo Antônio, afirmando na reportagem que estes estão demonstrando seu desejo de colaborar com o progresso de Chapecó.

[...] a Diretoria, da citada Sociedade Hospitalar, dirigiu um apelo aos seus associados e outras pessoas, solicitando donativos de mobiliários dos quartos.

O s.r. Paulo Pasquali, Presidente da dita Diretoria, foi procurado pelas pessoas abaixo relacionadas, que fizeram os seguintes donativos:

Ernesto F. Bertaso

Cr\$. 4.500,00

Caroline Giorno

< 3.250,00

Arnaldo Mendes

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFGS
ISSN 2675-0635

<< 3.250, 00
Serafim E. Bertaso
< 4.500,00
Guilherme Sartori
< 3.250, 00
Ary Carvalho Porto
< 3.250, 00
Herminio Tissiani
< 3.250, 00
Angelo Sartori
<< 3.250, 00
João Pedr Sottile
< 3.250, 00

Total até agora: 32.000,00

Sabemos que, com a aludida finalidade, isto é destinada á compra de móveis pelo s.r. Paulo Pasquali foi feito o donativo de Cr\$. 5.000,00.

Os doadores acima referidos mais uma vez dão uma demonstração de seu espírito de caridade e ao mesmo tempo revelam o seu desejo de colaboração no progresso de Chapecó [...] HOSPITAL (1950, p.1)

Chama atenção na reportagem que os maiores valores doados vieram da família Bertaso, idealizadora do progresso da cidade. Pois tanto Serafim quanto Ernesto doaram Cr\$ 4.500,00, e o donativo mais significativo no valor de Cr\$. 5.000,00, também veio de um membro da mesma família, Paulo Pasquali que era casado com a filha do Coronel, dona Elsa Bertaso Pasquali.

Neste sentido Nodari (2009) aponta para um conjunto de representantes da elite³ regional, que se preocupavam com esse processo de colonização e modernidade para transformar as cidades. Com o intuito de idealizar o que estava sendo desejado, se utilizaram de jornais e leis que legitimam esta intenção. Verificando se continuava atendendo os interesses particulares do que Nodari (2009) chama de elite regional.

Entendemos a partir de Pesavento (2007, p.11-23) que a cidade sempre deve ser repensada e renovada ao longo do tempo, uma das formas de repensá-la seria por meio da palavra, o urbano seria obra máxima do homem. No caso de Chapecó, a utilização da palavra jornalística teve o intuito de idealizar o que estava sendo desejado pelos homens que a

3 O termo elite será utilizado neste trabalho de acordo com o conceito de Teoria das elites, de Norberto Bobbio, retirado do “Dicionário de Política” de 1992, que define elite como uma classe superior que geralmente detém o poder político e econômico, pertencendo a esta apenas uma minoria da sociedade, em que o círculo é muito restrito, tendo poder de impor decisões que são válidas para todos os membros do grupo. Neste caso entendemos também que a elite de Chapecó é uma minoria que detém não apenas o poder econômico, mas consecutivamente o poder político e que busca exercer o poder de tomar e impor decisões para a sociedade, de acordo com seus interesses.

dominavam. Petrolí (2008) explica como se concretizou o discurso de cidade moderna e o seu planejamento, mostrando a forma como ela foi pensada e organizada. O que seria apenas um desejo, com o passar dos anos foi se materializando. Utilizaremos Vitória para perceber como a cidade idealizada ganha status, buscando com isso diferenciá-la das demais:

[...] fazendo com que Chapecó, nos anos que se seguissem à sua fundação, carregasse o status de cidade planejada. Desta forma, esperava-se que ela funcionasse como uma cidade modelo. Comumente, imaginava-se que esse planejamento garantiria que ali não se vivenciaram os problemas comuns em cidades formadas sem qualquer tipo de organização preliminar. VITÓRIA (2011, p. 56-57)

Apesar de que nem sempre o progresso ocorre da forma em que havia sido idealizado, a determinada concepção de modernidade muitas vezes pode não trazer bons resultados. Segundo Bresciani (2004, p. 09-26), com a modernização a cidade se transforma em um ambiente opressivo e repressivo. Mostrando uma face pouco aceitável e condizente com a racionalidade, que deveria orientar a sua expansão. A cidade que seria no passado um lugar calmo e seguro, com o crescimento acaba se tornando um espaço inseguro de medos e angústias. Neste sentido não fica perceptível para os indivíduos que estariam planejando a cidade, que estariam projetando-a para o futuro que não os pertence, que pode ou não dar certo o que está sendo idealizada no momento.

Percebemos a insatisfação daqueles que buscavam progresso e civilidade em Chapecó, folheando as páginas dos jornais, como na publicação do jornal *O Imparcial* em 11 de março, quando criticava a postura dos torcedores ao assistirem um jogo de futebol chamando-os de selvagens. “[...] Houve revolta nos ânimos dos jogadores devido ao modo brusco de certos torcedores que mais parecem selvagem do que gente [...]” FUTEBOL (1951, p.2), a crítica veio aos torcedores que não sabiam se portar diante do resultado de uma partida de futebol que ocorreu na cidade, o redator da notícia comparou os torcedores a selvagens, após terem brigado e vandalizado o jogo.

É no final da década de 1930 que surgiu primeiro através do jornal e em seguida na normatização de leis, o que Petrolí (2008) chama de disciplinarização dos habitantes e do espaço da cidade. Só a partir desta educação seria possível construir uma cidade moderna. A intenção era orientar as práticas, os hábitos e os comportamentos da população que não estava acostumada a viver de acordo com determinados ideais de civilidade urbana. Algumas das

primeiras instruções que são passadas através dos artigos publicados no jornal *A Voz de Chapecó*, buscam informar para cuidados com o solo que remeteria a uma saúde pública melhor, e com o embelezamento das casas para pensar na estética da cidade. Esta preocupação segue por vários anos, tanto que em 1950 encontramos várias leis que buscam normatizar certas práticas, entre elas uma publicada no jornal *A Voz de Chapecó* que proíbe a criação de porcos “no perímetro sanitário da cidade”.

Seção de Polícia Sanitária

Aviso

O Posto de Saúde avisa que decorrido o prazo de 60 dias, após a publicação deste, ficam passíveis de multa, com dobro na reincidência, os proprietários, arrendatários e locatários que infringirem o regulamento sanitário em vigor.

1º) – Criar ou mesmo conservar porcos no perímetro sanitário da cidade.

2º) – Possuir estábulos ou cocheiras que não satisfizerem o que determina o artigo 217 do regulamento.

3º) – Os que não conservarem em perfeita condição de higiene os pátios, hortas, terrenos cultivados ou incultos, ou que mantenham recipientes que venham ser focos criadouros de mosquitos ou moscas.

(Ass) DR. DARCI DE CAMARGO

Médico Chefe

NICOLAU G. VIEIRA

Guarda Sanitário Chefe

CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. (1950)

A lei busca acabar com uma prática que era comum no período, de criação de porcos na cidade, que provocava odor forte e poderia ocasionar proliferação de mosquitos e moscas. Além de obrigar os cidadãos a deixarem os pátios, hortas e terrenos em boa condição de higiene, para assim garantir a estética e prevenir doenças. Um ponto interessante para pensarmos é que na data que foi publicada a lei quem estava no cargo de prefeito interino em Chapecó era Serafim Bertaso, uma das figuras preocupadas com a modernização e crescimento citadino.

Neste sentido de normatização e reeducação de práticas e hábitos, Nodari (2009, p.65-93) diz que muitas das casas que haviam sido construídas pelos moradores, já não estavam mais adequadas ao padrão que se queria de cidade, pois eles pensavam que quanto mais bonita Chapecó se apresentasse maior era o número de pessoas que poderiam ser atraídas para ela “[...] mais do que isso, ele estava querendo constituir sujeitos-cidadãos, moradores da cidade, que se diferenciavam dos habitantes da colônia, apresentando “bom gosto” e sendo “civilizados”.” Nodari (2009, p.90). Estas noções até então eram desconhecidas pela

população da vila Passo dos Índios – como era denominada Chapecó no início do século XX quando estavam sendo dados os primeiros passos para a colonização –. Surgiram também neste período discussões levantadas por Serafim Bertaso que era Engenheiro Civil e foi prefeito da cidade na década de 1940, a respeito da racionalização do espaço urbano e do cemitério. Sempre que apontava para algumas mudanças, Serafim procurava enfatizar que Chapecó era uma vila situada em pleno sertão. Por isso, da necessidade de construção de uma nova realidade, enfim, de uma cidade eminentemente “moderna”.

Percebemos a grande preocupação com a construção de um projeto de cidade moderna que veio sendo criado nas duas décadas que antecedem a metade do século. O grupo que dominava o poder conseguiu difundir seu ideal não apenas na palavra escrita do jornal. Tendo domínio político eles conseguiram desenvolver leis como a apresentada acima, para legalizar e de fato concretizar suas intenções, reorganizando a cidade e reeducando a população para a modernidade. Com o intuito de superar o atraso e o isolamento, para transformar Chapecó em um centro urbano desenvolvido. Neste sentido, trabalharam para criar um bom e eficiente serviço de correio, que possibilita informações rápidas, apesar de que nos primeiros anos de 1951 os jornais ainda lutavam por melhorias na infraestrutura, e maior agilidade na entrega de correspondências. Outra luta era por um comércio variado que pudesse suprir as necessidades da população, para que não precisassem sair para outras cidades.

Houve preocupação também em torno da mobilidade, pois era importante que Chapecó estivesse ligada a outras regiões e as suas comunidades do interior por meio de estradas boas. Durante o ano de 1950 são encontrados vários artigos publicados no jornal que falam sobre o assunto.

[...] Respeito à referida reportagem desejamos fazer, entretanto, dois reparos: no que concerne às estradas e à criação de municípios, em Santa Catarina.

Com relação ao primeiro tópico, convém lembrar que não há muito tempo os habitantes de Itapiranga para virem à sede do município necessitavam passar pelo vizinho Estado do Rio Grande do Sul. Recentemente essa viagem é feita dentro do próprio município por estrada que reconhecemos não ser de primeira ordem, mas, permite o tráfego regular até de ônibus com capacidade para muitos passageiros.

O trecho Chapecó – Itapiranga está incluído no plano rodoviário do Estado e a residência do D.E.R., neste município, vem melhorando sensivelmente essa rodovia, trabalhando nela com maquinaria moderna. Ainda dentro do presente exercício teremos seguramente, uma ligação fácil entre esses dois

pontos, permitindo fácil e rápido acesso entre ambos mesmo no período hibernal. [...] ITAPIRANGA (1950, p. 1)

A partir do artigo é perceptível esta preocupação com a mobilidade, principalmente com as vilas e distritos que estão localizados mais longe da sede, pois uma boa condição de locomoção garantiria maior satisfação da população.

Outra discussão que norteava para alcançar a modernidade estava ligada a educação e os bons costumes. Segundo Petrolí (2008) a modernidade não era apenas a construção da cidade, mas se fazia necessário alfabetizar e educar as crianças. Para os mentores de *A Voz de Chapecó* a educação era obrigação do Estado, e a grande preocupação era que o Estado investisse na educação visando à alfabetização. Assim possibilitaria o futuro da mocidade, propiciando à ordem e o progresso local.

Naquele período da história de Chapecó, a cidade era debatida apenas por uma camada social, correspondente aos que desejavam transformar a cidade de acordo com o que propunha o Coronel Bertaso e sua família. Nodari (2009) acredita que a família Bertaso teve grande influência para construção da cidade moderna, “O que Serafim Bertaso, queria como tantos outros membros das elites, no início do século XX, em outras cidades, era ‘construir’ a cidade à sua imagem e semelhança, dentro dos parâmetros do que ele considerava ser ‘civilizado’.” Nodari (2009, p. 91). Podemos perceber uma modificação no início da década de 1950 desta hegemonia, pois são criados dois novos jornais que se colocam em posições opostas das apresentadas até o momento na história de Chapecó.

O primeiro jornal que surgiu em Chapecó foi *A Voz de Chapecó*, que teve sua criação no ano de 1939, os sócios proprietários deste semanário eram o Coronel Ernesto Bertaso, como já citado anteriormente foi responsável pelo processo de colonização de Chapecó e muito respeitado por parte da população local. Junto com ele o Juiz Antônio Selistre de Campos e o advogado Vicente da Cunha, ambos amigos de longa data da família Bertaso. Ao observarmos as páginas do periódico fica claro que o objetivo deste era defender a administração que governou Chapecó até 1950 e os interesses do PSD além de buscar a modernidade e a valorização de ações da família Bertaso. Nas eleições de 1947 foi criado em Chapecó o *Jornal d’ Oeste* ligado a UDN (União Democrática Nacional) que se colocava contrário ao jornal *A Voz de Chapecó*, e ao PSD porém este acabou sendo extinto no ano seguinte às eleições.

Com o pleito eleitoral de 1950 novamente surgiu concorrência ao jornal *A Voz de Chapecó*. As eleições de outubro de 1950 mudaram o cenário político local, o PSD que até então comandava o município, perdeu as eleições para a coligação - UDN, PTB, PRP e PSP- a coligação apoiava Getúlio Vargas no âmbito nacional e elegeu José Miranda Ramos do Partido Trabalhista Brasileiro como novo prefeito de Chapecó. A derrota do PSD, chamado por Hass de “[...] derrota dessa elite industrial e comercial” (HASS, 2000, p. 233) não teria afastado este grupo do poder político, apenas colocou um novo grupo político à frente da administração. Neste contexto de mudanças surgiu em Chapecó nos dois primeiros meses do ano de 1951, novos jornais ligados à coligação política que venceu as eleições. Seriam eles o *Jornal do Povo*, inaugurado na data 19 de janeiro de 1951, foi criado tendo como fundador o advogado e servidor público Carlos Danilo de Quadros, sendo de propriedade de Rubens de Carvalho Rauen, presidente do diretório municipal do PSP, e *O Imparcial*, criado em 25 de fevereiro de 1951, ligada ao partido União Democrática Nacional (UDN) e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado pelo coletor federal Paulo Marques e Alexandre Tiezerini, era ligado as famílias Pasqualoto, Belani e Cansian - figuras tradicionais até hoje-.

Com a criação de novos meios de comunicação impressa em Chapecó começamos a perceber a busca dos adversários políticos em desconstruir a ideia paternalista dos Bertaso. O jornal por várias vezes se direciona a família Bertaso para fazer ataques como podemos perceber na coluna chama de “Amigos da Onça”:

[...] Por sua vez, o Dr. Serafim Bertaso, um outro vereador eleito, ainda não se dignou a comparecer na Câmara de Vereadores no corrente ano de 1951! Notem bem, senhores, notem bem! O Dr. Serafim Bertaso, por mais absurdo que pareça, ainda não foi a uma reunião sequer, da Câmara de Vereadores de Chapecó, neste ano, e, nem ao menos tomou posse! O absurdo é tão grande que merece o nosso comentário, embora, modesto! Eis aí, portanto, um representante do povo chapecoense que não merece ser representante de povo algum nem de qualquer tribo africana, quanto mais de nossa gente! Para que se candidatou, se não pode e nem quer zelar pelo bem coletivo? Por que não renuncia, já que nada faz como vereador e só está tomando o lugar de outro que talvez faça alguma coisa? [...]

Sei que no próximo domingo sairão em campo os bajuladores, os adoradores de todos os deuses, os que fazem discursos de elogio rasgado e hipócrita a todos os néscios, as mariposas de todas as lâmpadas, e tentaram inutilmente iludir o povo afirmando ser falsa a minha afirmação! Mas para o povo que lê os meus artigos eu digo o seguinte: provo tudo o que disse acima [...] (MACHADO, 1951a, p.1).

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

O advogado Roberto Machado, que foi um grande crítico a antiga administração e da família Bertaso, ao escrever o artigo intitulado Amigos da Onça, publicado no *O Imparcial*, criticou o presidente da Câmara de Vereadores e o vereador Serafim Bertaso, o primeiro por não comparecer a seção afirmando que foi motivado por problemas de saúde, quando na verdade estava trabalhando para seu próprio interesse particular. E o senhor Serafim por até maio não ter comparecido em nenhuma sessão da Câmara, nem mesmo ter sido empossado. Sendo mais enfático ao afirmar que tinha convicção que no próximo domingo sairiam publicações sobre o assunto, vindas dos bajuladores e adoradores de todos os DEUSES. Pois sabe que os mencionados são pessoas que possuem prestígio social. Da mesma forma fala “O Brasil de hoje não admite mais a existência de deuses humanos. Que parem com essa mania de que o Dr. Serafim Bertaso não pode errar, pois ele é humano, como qualquer de nós, e como todos sujeito aos erros mais grosseiros!” (MACHADO, 1951b, np). Nesse mesmo sentido de difamação ocorreu uma divulgação intencional do mesmo meio de comunicação impressa, sobre um projeto de lei aprovado pela Câmara, que isenta as companhias colonizadoras de pagar impostos territoriais ao município. E novamente percebeu-se uma desmoralização da figura de Serafim Bertaso, por ser ele um dos colonizadores.

No contexto que os discursos do início dos anos de 1950 emergiram, percebem-se continuidades e rupturas dos discursos que foram realizados nas décadas anteriores. Os grupos que detinham o poder buscaram passar uma ideia de cidade ordeira e de gente civilizada, para romper com a imagem que havia sido construída com o linchamento. Vitória (2011, p. 27) afirma que:

Ao identificarmos o planejamento como sério expoente das práticas de intervenção urbana, convém considerar que a década de 1950 representa um marco importantíssimo nessa tendência. Pode-se dizer que é aí que vemos o surgimento de uma postura que vai ser o grande espelho do processo de desenvolvimento nacional pelo menos nas três décadas seguintes.

Segundo ele, nessa década surgia uma pressão da burguesia nacional para que o governo possibilitasse condições necessárias para instalação de empresas no Brasil, da mesma forma em Santa Catarina surge à primeira ideia de planejamento, Chapecó aproveita este momento para trabalhar seus discursos. O que percebemos em 1950 e 1951 é uma abordagem a respeito do urbano que está passando por modificações, os discursos nacionais das urbes

como um todo se voltaram ao desenvolvimento econômico, buscando transformar a cidade em um espaço de produção.

Considerações Finais

Chapecó teve sua colonização de fato iniciada apenas na segunda década do século XX, com a instalação da companhia colonizadora Bertaso, Maia e Cia. Porém este grupo ligado a empresa colonizadora trabalhou duro para modernizar a cidade. Os colonos trouxeram consigo o desejo de civilidade e modernidade para a região, neste contexto percebemos que a ideia de civilização teve por muito tempo atrelada a ideia de urbanização e do urbano, ao mesmo tempo ligada a família do coronel Bertaso. Assim muitos discursos neste sentido foram proferidos nas páginas dos jornais locais com intuito de que Chapecó e a região Oeste de Santa Catarina fossem se desenvolvendo, buscando desconstruir a imagem de sertão que era presente no imaginário dos que não viviam aqui. Além de buscar modificar costumes que estavam muito atrelados a vida rural desta população que vivia no espaço urbano de Chapecó. É possível perceber que alguns problemas eram recorrentes que constantemente se faziam presentes nos noticiários impressos, pois se tinha convicção que junto com progresso chegavam os problemas de uma cidade moderna, que deveriam ser pensados e resolvidos. Porém com o passar dos anos e com a chegada de novos grupos políticos na cidade os jornais também passam a ser utilizados como forma de desconstruir a imagem coronelista, e desmoralizar a figura dos Bertaso. São estes novos grupos que apimentam os debates políticos e sobre urbanidade nos jornais locais, fazendo com que hoje estes impressos se tornem fontes ricas de informação para pensarmos a cidade e o urbano no período.

Referências

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004.

CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. EDITAL N. /50: POSTO DE SAUDE “Secção de Política Sanitária”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 5 de fev. 1950.

FUTEBOL: empatada a partida entre o Independente F.C e o Cruzeiro F.B. **O Imparcial**, Chapecó, p. 2, 11 de mar. 1951.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense**: um estudo do poder local 1945 – 1965. Chapecó: Argos, 2000.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó, 1950-1956. Chapecó: Argos, 2013

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó**. Chapecó, Ed. Argos, 2005.

HOSPITAL Santo Antônio: Donativos de Quarto. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 7 de mai. 1950.

ITAPIRANGA. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 15 de jan. 1950.

MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 13 de maio de 1951a.

MACHADO, Roberto. Verdade e Abaixo- assinados. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 20 de maio de 1951b.

NODARI, Eunice. S. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

PESAVENTO, Sandra. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. Vol. 27, n. 53, jan./jun. 2007. p.11-23

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em História, Florianópolis, 2008.

VICENZI, Renilda . Mito e história na colonização do oeste catarinense. Chapecó: Argos, 2008.

VITORIA, Fernando. A. **De “Velho Xaçecó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. 2011. 156.p. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.